

GUERRA!
PARA QUE SERVE?

IAN MORRIS

GUERRA!
PARA QUE SERVE?
O Papel do Conflito na Civilização,
dos Primatas aos Robôs

Tradução de
RITA e PEDRO CARVALHO E GUERRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

ÍNDICE

Quadros, Mapas, Imagens e Gráficos	9
Introdução: Amigo do Cangalheiro	15
1. Terra Devastada? Guerra e Paz na Roma Antiga	49
2. Enjaular a Besta: O Caminho Produtivo da Guerra	103
3. Os Bárbaros Contra-atacam: O Modo Contraproducente da Guerra 1-1415 d.C.	173
4. A Guerra dos Quinhentos Anos: A Europa (quase) Conquista o Mundo, 1415-1914	249
5. Tempestade de Aço: A Guerra pela Europa, de 1914 aos Anos 80	351
6. Gosto pelo Sangue: Porque Entraram os Chimpanzés de Gombe em Guerra	427
7. A Derradeira Esperança da Terra: O Império Americano, 1989-?	491
Notas	583
Leituras Adicionais	607
Bibliografia	641
Agradecimentos	701
Índice Remissivo	703

QUADROS, MAPAS, IMAGENS E GRÁFICOS

- Quadro 1. «Menu» de formas de governo do historiador Niall Ferguson (Em *Collossus: The Price of America's Empire* de Niall Ferguson, © 2004, Niall Ferguson. Usado com autorização da Penguin Press, uma divisão do Penguin Group [EUA] LLC.)
- Mapa 1.1. Locais do Império Romano referidos no capítulo 1
- Imagem 1.1. Soldado de reserva germânico do século I d.C., a combater por Roma (Ladsmuseum Mainz, Mainz, Alemanha)
- Imagem 1.2. Reservas bárbaros oferecendo ao imperador romano as cabeças dos inimigos mortos na Dácia, década de 110 d.C.
- Gráfico 1.1. Destroços de navios e poluição com chumbo na bacia do Mediterrâneo, 1-900 d.C.
- Imagem 1.3. Marinheiros romanos preparam-se para abordar um navio inimigo, século I a.C. (Scala/Art Resource, NY)
- Mapa 1.2. Locais fora do Império Romano referidos no capítulo 1
- Imagem 1.4. Lutas com paus dos ianomâmis, início dos anos 70 do século XX (© Dr. Napoleon A. Chagnon, *Yanomamo*, Harcourt Brace College Publishers, 1997, p. 187)
- Imagem 2.1. Soldado de infantaria grego a atacar um persa com uma lança, cerca de 470 a.C. (Scala/Art Resource, NY)
- Mapa 2.1. Impérios antigos, 250 a.C.-300 d.C.
- Mapa 2.2. As latitudes afortunadas
- Mapa 2.3. Locais das revoluções originais em conflitos militares, cerca de 9500-500 a.C.
- Quadro 2.1. Desenvolvimentos militares e sociais 10 000-1 a.C.

- Imagem 2.2. Combate numa pintura rupestre em Los Dogues, em Espanha, cerca de 10 000-5000 a.C. (Em Jean Guilane e Jean Zammit, *The Origins of War: Violence in Prehistory*, Oxford: Blackwell, 2001, p. 105)
- Imagem 2.3. A Estela dos Abutres, gravada cerca de 2450 a.C. (Gianni Dagli Orti/The Art Archive at Art Resource, NY)
- Imagem 2.4. Faraó Ramsés II do Egito num carro de guerra, durante a Batalha de Kadesh, 1274 a.C. (Gianni Dagli Orti/The Art Archive at Art Resource, NY)
- Gráfico 2.1. A dimensão dos impérios eurasiáticos, 3000 a.C.-117 d.C.
- Gráfico 2.2. Taxas de mortalidade violenta durante a Idade da Pedra, os impérios antigos e o século xx
- Mapa 3.1. Locais da Eurásia ocidental referidos no capítulo 3
- Mapa 3.2. Locais da Ásia referidos no capítulo 3
- Mapa 3.3. Locais das estepes eurasiáticas referidos no capítulo 3
- Imagem 3.1. Estátua equestre do imperador romano Marco Aurélio (Getty Images)
- Imagem 3.2. Tropas romanas incendiam aldeias dácias, imagens gravadas na coluna de Marco Aurélio (Alinari Archives — Anderson Archive, Florença)
- Gráfico 3.1. A dimensão dos Estados nas latitudes afortunadas da Eurásia, 1-1400 d.C.
- Imagem 3.3. Cavalaria cristã e muçulmana na Batalha de Damietta, 1218 (© Corpus Christi College, Cambridge)
- Mapa 3.4. Locais da Ásia oriental e na Oceânia referidos no capítulo 3
- Mapa 3.5. Locais de África referidos no capítulo 3
- Mapa 3.6. Locais das Américas referidos no capítulo 3
- Mapa 3.7. A orientação dos continentes
- Mapa 4.1. Locais da Ásia referidos no capítulo 4
- Imagem 4.1. A verdadeira arma de fogo mais antiga do mundo, da Manchúria, 1288 (© Yannick Trottier)
- Mapa 4.2. Locais da Europa referidos no capítulo 4
- Mapa 4.3. Locais de África referidos no capítulo 4
- Imagem 4.2. Galeões franceses e portugueses combatem na costa do Brasil, provavelmente em 1562 (Gianni Dagli Orti/The Art Archive at Art Resource, NY)
- Imagem 4.3. Carta do conde William Louis de Nassau a Maurice de Nassau, a explicar os princípios das salvas rotativas, dezembro de 1594 (Koninklijke Huisarchief, Haia, Holanda)

- Mapa 4.4. Locais das Américas referidos no capítulo 4
- Imagem 4.4. Crânio 25 da batalha de Towton, 1461 (Em *Biological Anthropology*, Centro de Investigação de Antropologia Biológica da Universidade de Bradford, Projeto da Vala Comum de Towton)
- Mapa 4.5. As rotas comerciais triangulares do oceano Atlântico
- Gráfico 4.1. Salários divergentes no noroeste e no sul da Europa, 1500-1750
- Imagem 4.5. Insurgentes espanhóis atacam tropas francesas, 2 de maio de 1808 (PhotoAISA, Barcelona)
- Imagem 4.6. Príncipe zulu Dabulamanzi kaMpande com os seus soldados, 1879 (South Wales Borderers' Regimental Museum, Brecon, Reino Unido)
- Mapa 4.6. A extensão dos impérios europeus, 1900
- Gráfico 4.2. Taxas de morte violenta estimadas para a Idade da Pedra, os impérios antigos, a era das migrações, as colónias do século XIX e o Ocidente no século XIX
- Gráfico 4.3. PIB *per capita* anual, 1500-1913
- Mapa 5.1. Locais da Europa referidos no capítulo 5.
- Gráfico 5.1. Produção industrial *per capita* nas cinco maiores economias, 1750-1913
- Gráfico 5.2. A dimensão das cinco maiores economias, 1820-1913
- Gráfico 5.3. Poder naval relativo das oito maiores frotas, 1880-1914
- Mapa 5.2. Mapa do centro, orla interior e orla exterior de Halford Mackinder
- Imagem 5.1. Tropas alemãs infiltram-se em Pont-Arcy, 27 de maio de 1918 (© Imperial War Museums [Q 55010])
- Imagem 5.2. Britânicos mortos em Songueval, março de 1918 (© Imperial War Museums [Q 42245])
- Gráfico 5.4. A dimensão das cinco maiores economias do mundo, 1913-1939
- Mapa 5.3. Locais da Ásia referidos no capítulo 5
- Imagem 5.3. Crianças queimadas na estação de comboios de Xangai destruída pelas bombas, 1937
- Imagem 5.4. Artilheiro alemão na batalha de Kursk, julho de 1943 (Getty Images)
- Imagem 5.5. Primeiro teste atômico soviético, 29 de agosto de 1949 (Coleção privada de David Holloway)

- Gráfico 5.5. Crescimento económico, 1943-1983
- Gráfico 5.6. A dimensão dos arsenais nucleares soviético e americano, 1945-1983
- Imagem 5.6. 1.^a Divisão da Cavalaria Aérea dos EUA, província de Binh Dinh, no Vietname do Sul, janeiro ou fevereiro de 1968 (Hulton Archive/Getty Images)
- Mapa 6.1. Locais de África referidos no capítulo 6
- Imagem 6.1. Quatro chimpanzés atacam um quinto no Jardim Zoológico de Arnhem, final dos anos 70 do século xx (© Frans de Waal. Em *Chimpanzee Politics*, Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1982)
- Mapa 6.2. A guerra de Ngogo, 1998-2009
- Imagem 6.2. Bonobos fêmeas envolvem-se em fricção genito-genital (Getty Images)
- Gráfico 6.1. A divergência dos grandes macacos a partir do nosso último antepassado partilhado
- Imagem 6.3. Formigas *Plectroctena* a combater, Tanzânia (© Muhammad Mahdi Karim)
- Mapa 6.3. Os *habitats* de chimpanzés, bonobos, gorilas e proto-humanos
- Imagem 6.4. Esqueletos de *Homo ergaster* e *Australopithecus afarensis*
- Gráfico 6.2. Taxas de mortalidade violenta na Idade da Pedra, nos impérios antigos, na era das migrações e no século xx
- Imagem 6.5. Mikhail Gorbachev e Ronald Reagan (© Corbis)
- Gráfico 7.1. Taxas de morte violenta estimadas para a Idade da Pedra, os impérios antigos, a era das migrações, o século xx e o início do século XXI
- Gráfico 7.2. Crescimento relativo do PIB *per capita* em diferentes partes do mundo, 1980-2010
- Mapa 7.1. Locais da Europa referidos no capítulo 7
- Mapa 7.2. Locais de África e do Médio Oriente referidos no capítulo 7
- Imagem 7.1. Exercício no National Training Center do Exército dos EUA, Fort Irwin, Califórnia, 2011 (Fotos do Departamento da Defesa)
- Mapa 7.3. A primeira cadeia de ilhas, Ásia oriental
- Quadro 7.1. Estimativas para o crescimento económico americano, chinês e indiano, 2011-2060

Gráfico 7.3. Economia norte-americana como porcentagem do PIB mundial, 1950-2010

Mapa 7.4. O arco da instabilidade

Gráfico 7.4. Estimativas da NASA relativas ao aquecimento global, 1910-2010

Imagem 7.2. Míssil antimíssil israelita do sistema Cúpula de Ferro (Iron Dome) em Telavive, 17 de novembro de 2012 (AP Photo/Tsafrir Abayov)

Imagem 7.3. Robô-caça *Northrob Grumman X-47B*, 2013 (fotos do Departamento da Defesa)

INTRODUÇÃO:

AMIGO DO CANGALHEIRO

Eu tinha vinte e três anos quando quase morri no campo de batalha.

Corria o dia 23 de setembro de 1983, por volta das 9h30 da noite. Estava debruçado sobre uma máquina de escrever manual, num quarto alugado em Cambridge, na Inglaterra, a bater o primeiro capítulo da minha tese de doutoramento em arqueologia. Tinha acabado de regressar de quatro meses de trabalho de campo nas ilhas gregas. O meu trabalho estava a correr bem. Estava apaixonado. Era uma boa vida.

Não fazia a mínima ideia de que, a três mil e poucos quilómetros de distância, Stanislav Petrov estava a decidir se me matava ou não.

Petrov era o diretor-adjunto para os algoritmos de combate em Serpukhov-15, o centro nevrálgico do sistema de aviso prévio da União Soviética. Era um homem metódico, engenheiro, programador informático — e não era, felizmente para mim, homem dado a pânicos. Mas quando soaram as sirenes, um pouco depois da meia-noite (hora de Moscovo), até Petrov saltou da sua cadeira. Uma luz vermelha ganhou vida num mapa gigante do hemisfério norte que enchia toda uma parede da sala de comando. Indicava que um míssil fora lançado do Montana.

Por cima do mapa, acenderam-se luzes vermelhas, soletrando a palavra mais assustadora que Petrov conhecia: LANÇAMENTO.

Os computadores confirmaram, uma e outra vez, os seus dados. Uma vez mais, as luzes vermelhas acenderam-se, desta vez com maior certeza: LANÇAMENTO — FIABILIDADE ELEVADA.

De certo modo, Petrov já estava à espera de que este dia chegasse. Seis meses antes, Ronald Reagan denunciara a Mãe Rússia como um império do mal. Tinha ameaçado com a construção de um escudo antimíssil no espaço pelos americanos, o que acabaria com o equilíbrio de terror mútuo que permitira manter a paz durante perto de quarenta anos. Depois, anunciara que iria acelerar o desenvolvimento de novos mísseis, capazes de atingir Moscovo com um voo de apenas cinco minutos. Em seguida, como se gozasse com a vulnerabilidade da União Soviética, um avião de passageiros sul-coreano extraviou-se sobre a Sibéria, aparentemente perdido. A força aérea soviética demorou várias horas a encontrá-lo e depois, enquanto o avião regressava, finalmente, a espaço aéreo neutro, um caça abateu-o. Todos os que seguiam a bordo morreram — incluindo um congressista americano. Agora, de acordo com o ecrã, os imperialistas tinham dado o último passo.

E no entanto... Petrov sabia que a Terceira Guerra Mundial não seria assim. Um primeiro ataque americano deveria incluir mil mísseis *Minuteman** a rugir sobre o polo norte. Viria com um inferno de fogo e de radiação, um frenético esforço máximo para destruir os mísseis soviéticos enquanto estes ainda se encontravam nos seus silos, deixando Moscovo sem meios para responder. Lançar um único míssil era uma loucura.

* O LGM-30 Minuteman é um projeto americano de míssil balístico intercontinental com capacidade nuclear. O míssil pesa cerca de 35 toneladas, mede mais de 18 metros de comprimento, tem um alcance operacional de 13 000 km e voa a uma velocidade máxima de 24 000 km/h. (*N. dos T.*)

A função de Petrov era seguir as regras, correr todos os testes de avarias obrigatórios, mas não havia tempo para nada disso. Ele tinha de decidir se o mundo estava ou não prestes a acabar.

Pegou no telefone. «Estou a informá-lo», disse ao oficial de serviço do outro lado da linha. Tentou manter um tom neutro. «Trata-se de um falso alarme.»

O oficial de serviço não fez nenhuma pergunta, não mostrou ansiedade alguma. «Percebi.»

Um instante depois, a sirene era desligada. O pessoal de Petrov começou a relaxar. Os técnicos regressaram às suas rotinas diárias, procurando, de modo sistemático, erros nos circuitos. Mas depois...

LANÇAMENTO.

A palavra a vermelho tinha regressado. Surgiu uma segunda luz no mapa; estava a caminho um outro míssil.

E depois acendeu-se outra luz. E outra, e outra, até todo o mapa ficar vermelho-vivo. Os algoritmos que Petrov tinha ajudado a programar assumiam agora o comando. Durante um instante, o painel por cima do mapa ficou preto. Depois voltou a acender-se com um novo aviso. Estava a anunciar o apocalipse.

ATAQUE DE MÍSSIL.

O maior supercomputador da União Soviética enviou automaticamente esta mensagem para toda a cadeia de comando. Agora, cada segundo contava. O velho e doente Yuri Andropov, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, estava prestes a tomar a decisão mais importante de sempre.

Pode não estar muito interessado na guerra, terá dito Trotsky, mas a guerra está muito interessada em si. Cambridge era — e ainda é — uma sonolenta cidade universitária, longe dos lugares de poder. Apesar disso, em 1983, encontrava-se cercada por bases da força aérea, e estava bem acima na lista de alvos de Moscovo. Se os funcionários públicos soviéticos tivessem acreditado nos algoritmos de Petrov,

eu estaria morto em quinze minutos, vaporizado por uma bola de fogo mais quente do que a superfície do Sol. King's College e o seu coro, as vacas a pastarem enquanto os barcos balançavam nas águas, os académicos nas suas túnicas a passar pelo porto em High Table — teriam sido transformados em pó radioativo.

Ainda que os soviéticos lançassem apenas os mísseis que tinham apontado a alvos militares (algo a que os estrategas chamam «ataque de contraforça») e os Estados Unidos tivessem respondido na mesma moeda, eu teria sido um dos cerca de cem milhões de pessoas que teriam explodido e sido queimadas e envenenadas no primeiro dia de guerra. Mas provavelmente, não seria isso que aconteceria. Apenas três meses antes do momento da verdade de Petrov, o Centro de Desenvolvimento de Conceitos Estratégicos americano tinha feito correr um jogo de guerra para ver como poderiam decorrer as fases iniciais de um combate nuclear. Concluíram que nenhum jogador conseguiria parar nos ataques de contraforça. Em todos os casos, intensificaram-se para ataques de contravalor, abrindo fogo sobre cidades assim como sobre silos. E quando isso aconteceu, a taxa de mortalidade nos primeiros dias subiu para mais de quinhentos milhões, com as poeiras radioativas, a fome e os combates subsequentes a matar mais quinhentos milhões nas semanas e meses que se seguiriam.

Contudo, de volta ao mundo real, Petrov traçou uma linha. Admitiu, mais tarde, que estava tão assustado que as pernas cederam, mas ainda confiava nos seus instintos mais do que nos seus algoritmos. Seguindo o seu instinto, disse ao oficial de serviço que também este era um falso alarme. A mensagem de ataque por míssil foi interrompida ainda antes de ter subido a cadeia de comando. Doze mil ogivas nucleares soviéticas permaneceram nos seus silos; mil milhões de nós sobrevivemos para ver nascer mais um dia.

No entanto, a recompensa de Petrov por ter salvado o mundo não foi o peito cheio de medalhas. Foi uma reprimenda oficial por

enviar papelada confusa e por não ter seguido os protocolos (cabia ao secretário-geral decidir se destruiria, ou não, o planeta). Foi afastado para uma função menos sensível. Viria a reformar-se antecipadamente, sofreu um esgotamento nervoso e afundou-se na pobreza abjeta, enquanto a União Soviética se desfazia em pedaços e deixava de pagar aos seus pensionistas mais velhos¹.

Um mundo assim — no qual o Armagedão dependia de engenharia de má qualidade e dos juízos rápidos dos programadores informáticos — enlouquecera seguramente. Naquela altura, muitos pensavam assim. Dentro da Aliança americana, onde as pessoas eram livres para fazerem tais coisas, milhões marcharam num esforço para banir a bomba; protestaram contra as agressões dos seus governos, ou votaram em políticos que prometiam o desarmamento unilateral. Do lado soviético, onde as pessoas não eram livres para fazerem tais coisas, mais dissidentes do que o habitual marcaram posição e foram traídos à polícia secreta.

Mas nada disso fez grande diferença. Os dirigentes ocidentais voltaram a ser eleitos com maiorias reforçadas e compraram armas cada vez mais avançadas; os governantes soviéticos construíram ainda mais mísseis. Em 1986, a pilha de ogivas nucleares mundial atingia o seu nível mais alto de sempre, mais de setenta mil, e o colapso do reator nuclear soviético em Chernobyl ofereceu um pequeno vislumbre do que poderia ser o futuro.

As pessoas exigiam respostas e, de ambos os lados da Cortina de Ferro, os jovens viravam as costas aos políticos mais velhos e comprometidos, a favor de vozes mais altas. Falando para uma geração pós-*baby-boomer*, Bruce Springsteen pegou na maior das canções

¹ Em 2004, a Associação de Cidadãos do Mundo, com sede em São Francisco, ofereceu a Petrov uma placa em pau-brasil, agradecendo-lhe por ter salvado o mundo, e entregou-lhe um cheque de 1000 dólares; e, em 2013, recebeu o Prémio Dresden, alemão, cuja distinção é acompanhada por um cheque de 25 000 dólares. Podem ser feitas mais contribuições em www.brightstarsound.com.

de protesto da era do Vietname — «War», o clássico da Motown de Edwin Starr — e lançou uma versão sobrecarregada diretamente para o *top ten*:

War!
Hub, good God.
What is it good for?
Absolutely nothing.
Say it, say it, say it...

Oooh, war! I despise
Because it means destruction
Of innocent lives
War means tears
To thousands of mothers' eyes
When their sons go to fight
And lose their lives...

War!
It ain't nothing but a heartbreaker.
War!
Friend only to the undertaker...

PAZ PARA O NOSSO TEMPO¹

Neste livro, quero discordar. Pelo menos até certo ponto.

A guerra, sugerirei, não tem sido amiga do cangalheiro. A guerra é um assassino de massas e, no entanto, naquele que talvez seja o maior paradoxo da história, a guerra tem sido, ainda assim, o pior

¹ É o tipo de pormenor com o qual só um professor se podia preocupar, mas paz *para* o nosso tempo — não paz *no* nosso tempo — foi o que Neville Chamberlain disse, realmente, que trazia para casa, ao regressar de Munique, em 1938.

inimigo do cangalheiro. Contrariamente ao que diz a canção, a guerra *tem sido* boa para alguma coisa: com o passar do tempo, fez com que a humanidade ficasse mais segura e mais rica. A guerra é um inferno, mas — mais uma vez, com o passar do tempo — as alternativas teriam sido piores.

Esta será uma afirmação controversa, por isso deixem-me explicar o que quero dizer.

Existem quatro partes no argumento que apresento. A primeira é que com as guerras as pessoas criaram sociedades maiores e mais organizadas que reduziram o risco de os seus membros morrerem de modo violento.

Esta observação assenta numa das maiores descobertas dos arqueólogos e dos antropólogos ao longo do último século, de que as sociedades da Idade da Pedra eram, normalmente, minúsculas. Acima de tudo devido à dificuldade em encontrar alimentos, as pessoas viviam em bandos de algumas dúzias, aldeias com algumas centenas ou (muito ocasionalmente) cidades com alguns milhares de habitantes. Estas comunidades não precisavam de muito em matéria de organização interna e tendiam a viver numa lógica de suspeição ou mesmo de hostilidade para com os forasteiros.

As pessoas resolviam, em geral, os seus diferendos de modo pacífico, mas se alguém decidisse usar a força, estaria sujeito a muito menos restrições do que aquelas a que os cidadãos dos Estados modernos estão habituados. A maioria das mortes ocorria em pequena escala, resultado de vinganças e ataques incessantes, embora, de vez em quando, a violência pudesse afetar todo o bando ou aldeia ao ponto de a doença e a fome eliminarem todos os seus membros. Mas sendo as populações igualmente reduzidas, a violência constante, ainda que de baixo nível, causava prejuízos terríveis. Segundo a maior parte das estimativas, entre 10 e 20 por cento de todas as pessoas que viviam em sociedades da Idade da Pedra morreu pela mão de outros seres humanos.

O século xx surge num contundente contraste. Assistiu a duas guerras mundiais, uma corrente de genocídios e várias fomes infligidas por governos, matando ao todo uns espantosos 100 a 200 milhões de pessoas. As bombas atômicas largadas sobre Hiroxima e Nagasáqui mataram mais de 150 000 pessoas — talvez mais pessoas do que aquelas que viviam no mundo inteiro em 50 000 a.C. Mas em 1945, havia cerca de 2,5 mil milhões de pessoas na Terra e ao longo do século xx, viveram cerca de 10 mil milhões de pessoas — o que significa que os 100-200 milhões de mortes relacionadas com a guerra desse século perfazem apenas 1 ou 2 por cento da população total do planeta. Se o leitor teve a sorte de ter nascido no século xx industrializado, tem, em média, dez vezes *menos* probabilidades de morrer de modo violento (ou das consequências da violência) do que se tivesse nascido numa sociedade da Idade da Pedra.

Poderá ser uma estatística surpreendente, mas a sua explicação é ainda mais surpreendente. O que tornou o mundo muito mais seguro foi a própria guerra. Tentarei demonstrar nos capítulos 1 a 5 que, começando há dez mil anos, em certas partes do mundo, e disseminando-se depois por todo o planeta, os vencedores das guerras passaram a incorporar os derrotados em sociedades maiores. Para que estas sociedades maiores funcionassem era necessário que os seus governantes desenvolvessem governos fortes, e uma das primeiras coisas que estes governos tinham de fazer, se se quisessem manter no poder, era acabar com a violência dentro da própria sociedade.

Os homens que encabeçavam estes governos raramente seguiam políticas pacificadoras devido à bondade do seu coração. Tomavam medidas enérgicas contra os homicídios porque era mais fácil governar e cobrar impostos a súbditos bem-comportados do que a súbditos furiosos e assassinos. A consequência não intencional, contudo, foi uma queda de 90 por cento na taxa de mortes violentas entre a Idade da Pedra e o século xx.